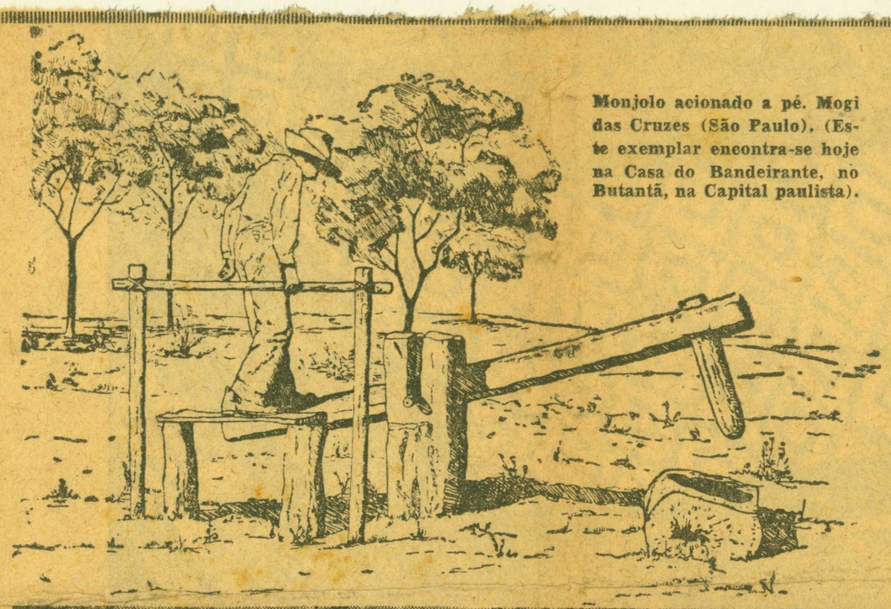
SBH
Pt 100 ex14
59/03/29
Folha de São Paulo
p. 8

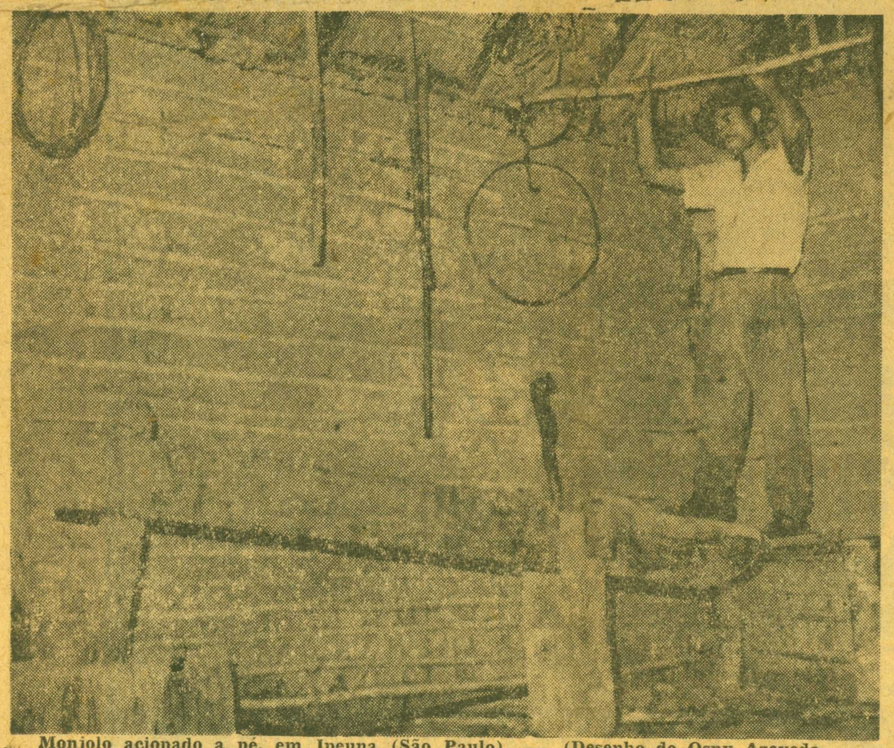
MONJOLOS DE PÉ E MONJOLOS DE AGUA

O pio de piar os milhos — Procedencia oriental e presença no Brasil — Confusão em Enguaguaçu — Atualidade no Extremo Oriente — Aparece o monjolo dágua: um século de atraso — Area de difusão — Pasmados — Pilões — Ruido denunciador — Velhos monjolos

Carlos Borges SCHMIDT



Monjolo acionado a pé. Mogi das Cruzes (São Paulo). (Este exemplar encontra-se hoje na Casa do Bandeirante, no Butantã, na Capital paulista).



Monjolo acionado a pé, em Ipeuna (São Paulo). — (Desenho de Osny Azevedo, segundo foto do autor).

Perquirindo a origem do monjolo e sua introdução no nosso meio, Sergio Buarque de Holanda reporta-se a um trabalho de Jorge Dias, relativo ao "pio de piar os milhos", o monjolo acionado a pé, tal como ocorre em Portugal. "Praticamente estes aparelhos constam de duas peças principais: o "pieiro", bloco de pedra ou cepo de madeira com um buraco escavado e que serve de almofariz, e o pilão, composto de uma tabua balancé pregada sobre um eixo transversal, na extremidade da qual está encravado um cepo cilindrico, que é o pilão propriamente dito. O camponês põe-se de pé, em cima da tabua, de maneira que o eixo fique entre os dois pés. Quando se inclina para um lado e faz força sobre a ponta livre da tabua, o pilão levanta-se; depois, quando se inclina para o outro, o pilão desce e penetra no pieiro, onde está o cereal que se quer descascar" (1).

Entende o autor patricio ser a diferença da nomenclatura a mais importante entre o pio lusitano e o monjolo de pé caipira. Mas o proprio aparelho em si difere, um do outro, tal como é desigual o nosso do modelo oriental em uso atualmente, o qual, entretanto, difere menos do tipo brasileiro que do português.

Sergio Buarque de Holanda estuda exaustivamente as origens do monjolo de pé português, cuja difusão, na peninsula iberica, está associada à do milho miudo, ou milho alvo (Panicum miliaceum Linn). "Ambos teriam trilhado juntos os mesmos caminhos, a partir da Asia Oriental, seu lugar de origem" (2). Atualmente, no Extremo Oriente, o seu emprego está intimamente relacionado com a produção do arroz, para a operação de descascar este produto. E de lá, através a Russia meridional, até os Alpes, tambem usado para pilar a cevada e esmagar a linhaça. Na Europa, portanto, é encontrado na Hungria, na Polonia, na Estiria, na Carintia, na Carniola, em Salzburgo e na Italia, ao passo que na Asia sua area de ocorrencia abrange a China, o Japão, a Indochina, a India setentrional, principalmente Bengala, e a Pérsia (3). Mais dificil, o caminho de terra, para a introdução do monjolo de pé oriental, em terras lusitanas, sua chegada a Portugal, vindo do Extremo Oriente, poderia ter-se verificado diretamente, em resultado das navegações portuguesas (4). Sua presença no Brasil, declara Sergio Buarque de Holanda, data já de fins do seculo XVII, "justamente da epoca em que principiam a aparecer referencias mais precisas em documentos paulistas, ao consumo do arroz, representa, sem duvida alguma, simples conjectura, mas bem apoiada" (5).

Para o Visconde de Porto Seguro, o primeiro monjolo instalado no Brasil o foi em terras da ilha de São Vicente, trazido da China por Braz Cubas. Daí o nome de Enguaguaçu, dado ao dito sitio pelos indios, e que significa Pilão Grande. Essa crença parece provir de um texto de frei Gaspar da Madre de Deus, de que foi concedida uma sesmaria a Pero de Gois, fronteira ao Enguaguaçu, onde este "fez um Engenho dágua chamado Madre de Deus". Na realidade, tratava-se de um engenho de moer cana e não de pilar cereais, sustenta, e com razão, Sergio Buarque de Holanda. A propria viagem de Braz Cubas à Asia está sujeita a duvidas (6).

Deve-se a Varnhagen a primeira referencia conhecida à procedencia oriental do monjolo de pé, eis que aquele ilustre autor viu, em 1873, na secção chinesa da Exposição Internacional de Viena, modelos desse rustico utensilio, denominado chui toi no Celeste Imperio. Acreditava Varnhagen que a palavra monjolo fosse corruptela de um dialeto chinês. Todavia, monsenhor Rodolfo Delgado supõe seja ela derivada do sanscrito musala, significando pilão de descascar arroz. E' uma nota de Clado Ribeiro de Lessa a John Mawe (7).

Nos dias que correm, as técnicas de preparação de alimentos permanecem as mesmas, em largas areas do Extremo Oriente. Pierre Gourou, que estudou a vida das populações da longinqua região, atribui a má nutrição daqueles povos ao fato de ser ronceira e demorada a manipulação destinada ao preparo de alimento, ou em razão da especie de seu principal fator alimentar. De passagem, menciona o fato de as populações montanhesas do Anã socorrerem-se do pilão a braço para descascar cereais, enquanto que os habitantes da planicie lançam mão do monjolo de pé (8).

E' vasta a familia dos aparelhos de socar. Do pilão manual às baterias dos pilões de socar, movidas à roda dágua, incluem-se os monjolos de pé, os monjolos a agua, os monjolos de rabo, os monjolos de martelo e os pilões de agua. Tambem baterias de pilões movidas a força animal. O pilão simples, onde se soca a braço, esse, já existente no Velho Mundo, fora das Americas, foi tambem aqui encontrado ao tempo dos descobridores. Existia em todo o mundo. Já os demais, melhores aproveitadores da força humana, ou animal, ou hidraulica, somente mais tarde fizeram seu aparecimento no continente americano. E bem mais tarde, ao que parece. Pelo menos aqui na America Portuguesa. Verificou Sergio Buarque de Holanda que, embora isso não queira dizer que ele não pudesse ter sido introduzido anteriormente, as primeiras referencias em documentos antigos, quanto ao monjolo dagua, somente aparecem em fins do seculo XVIII, enquanto que o monjolo de pé, como se viu, tinha sua presença no Brasil denunciada já um seculo antes.

A area de distribuição geografica do monjolo dagua estende-se do norte do Rio Grande do Sul até o centro de Minas Gerais, incluindo ainda partes de Goiás e Mato Grosso (9). O milho, pela rapidez de sua produção e pela facilidade, relativa, de preparação de sua farinha, alimento de preferencia dos paulistas ,associou-se ao fenomeno da expansão bandeirante. E, com ele, o monjolo dagua, em certa época, antes da qual o trabalho de socar o milho estava a cargo do pilão do indio. Este pilão, nas primeiras épocas, em qualquer lugar por onde passasse a bandeira, nas pequenas paradas de recomposição da tropa e dos meios de sustento. Aqueles, mais tarde, nas paragens mais frequentadas pelas expedições em caminho, e nos locais já habitados pelo povaréu entregue à faina mineradora.

Anteriormente à descoberta do ouro nos sertões de Goiás, um cunhado do Anhaguera, de nome Manoel Ferreira Calhamaro, instalou, nas margens do Aráes, onde fazia roças de abastecimento, e onde reunia o gentio capturado para levar para São Paulo, um local de produção de farinha de milho, do qual, mais tarde, Antonio Pires de Campos, que alí andou por volta de 1722, dizia ter encontrado uma tapera e 14 pilões. Na mesma região, o proprio Antonio Pires de Campos deu a um rio o nome de Pasmados (Rio Claro), que corria para o sul e ia meter-se no Rio Grande, bacia do Paraná (10). Estaria naqueles pilões e nestes pasmados (pasmado é nome da virgem, ou esteio, do monjolo, segundo Alberto Rangel), a indicação da existencia remota de monjolos dagua, considerando a imensa quantidade de farinha de milho a ser preparada, tendo em vista o elevado numero de expedicionarios, e a quantidade, maior ainda, do gentio capturado e em marcha para o sul?

Um trecho da descrição da viagem de Bartolomeu Bueno a Goiás, em 1721, a mando de Rodrigo Cesar de Menezes, é divulgado por Eschwege. "Daí alcançaram Bocaina Velha e Anicuns, onde Bueno pai havia feito uma plantação. Nesse lugar permaneceram, a fim de plantarem e pesquisarem as regiões proximas. De novo a caminho, chegaram a outro rio, a cujas margens acamparam mais dias, e, por que instalassem alí alguns pilões de socamento hidraulico para o fabrico do fubá, deram ao mesmo o nome de Pilões" (11). E' evidente que nos pilões não poderiam fazer fubá, pelo menos como tal o conhecemos hoje, salvo um fubá grosseiro, pelo simples socamento do milho indio, de tipo mole, que nem mereceria o nome de fubá. Com toda a probabilidade, fizeram foi autentica farinha de milho paulista. Quanto às maquinas de socamento hidraulico, na verdade, não passavam de autenticos monjolos acionados a agua.

A proposito desses Pilões, outra explicação é dada por D'Alincourt. A bandeira do segundo Anhanguera (1722), partida de São Paulo, passou por Meia Ponte, Anicuns e foi ter a um "rio a que chamou dos Pilões, ou seja porque seus companheiros alí fabricarem estes instrumentos para facilitarem a sua sustentação grosseira, ou por se acharem no rio algumas pedras côncavas com semelhante configuração, o que parece mais provavel, as quais ainda hoje se observam no Rio Claro, de que há toda a desconfiança, que foi o rio a que ele chamou de Pilões" (12). Há motivos para que se suponha não terem sido essas pedras as responsaveis pelo topónimo. O foram, isso sim, com toda a probabilidade, verdadeiros pilões de socar.

Entre Vila Boa e Rio Claro, na provincia goiana, em 1819, quando passava por certo lugar habitado, Saint-Hilaire foi alertado pelo "ruido alternativamente surdo e forte do monjolo", que o prevenia da proximidade de moradores, aos quais em breve chegava (13). Junto à barra do Rio Vermelho, afluente do Araguaia, no presidio de Santa Leopoldina, o general Couto de Magalhães, em 1868, denunciava a existencia, entre oficinas de construção de barcos, de ferreiro, de carpinteiro, tambem um aviamento de fabricar farinha de mandioca, uma olaria e um monjolo (14). Para fazer farinha de milho e canjica.

Ponto de passagem forçada das monções que se dirigiam às minas de Cuiabá, no varadouro de Camapuã, quando por ali transitou a expedição de Langsdorf, em 1826, da qual participou Hercules Florence, já não existia mais monjolo algum, que o ultimo levara-o uma enchente do rio. Os 120 alqueires de farinha de milho, na ocasião encomendados pelos expedicionarios, tiveram os moradores que prepará-los em pilões, socados a braço. E a expedição não teve outra alternativa que esperar largo tempo pelo aprontamento daquela munição de boca (15).

(Continua)

1) Jorge Dias, "O pio de piar os milhos", Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, Porto, 1946, pag. 6.
2) 3), 4), 5) e 6) — Sergio Buarque de Holanda, "Caminhos e Fronteiras", Rio de Janeiro, 1957, pags. 231, 234, 236, 241 e 242, respectivamente.
7) John Mawe ao interior do Brasil", Rio de Janeiro, 1944, pag. 139.
8) Pierre Gourou, "Les Pays Tropicaux", Paris, 1947, pag. 84.
9) Sergio Buarque de Holanda, "Monções", Rio de Janeiro, 1945, pag. 185.
10) Afonso de E. Taunay, "Relatos sertanistas", São Paulo, (1954), pag. 195.
11) W. L. von Eschwege, "Pluto Brasiliensis", São Paulo, vol. I, pag. 90.
12) Luiz D'Alincourt, "Memoria sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá", São Paulo, pag. 105.
13) Auguste de Saint-Hilaire, "Viagens às nascentes do rio São Francisco e pela provincia de Goiás", São Paulo, 1944, vol. II, pag. 137.
14) General Couto de Magalhães, "Viagem ao Araguaia", São Paulo, 1934, pag. 97.
15) Hercules Florence, "Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas", São Paulo, (1948), pag. 106.

Diario de S. Paulo
29.3.59 p. 8